Resenha Musical

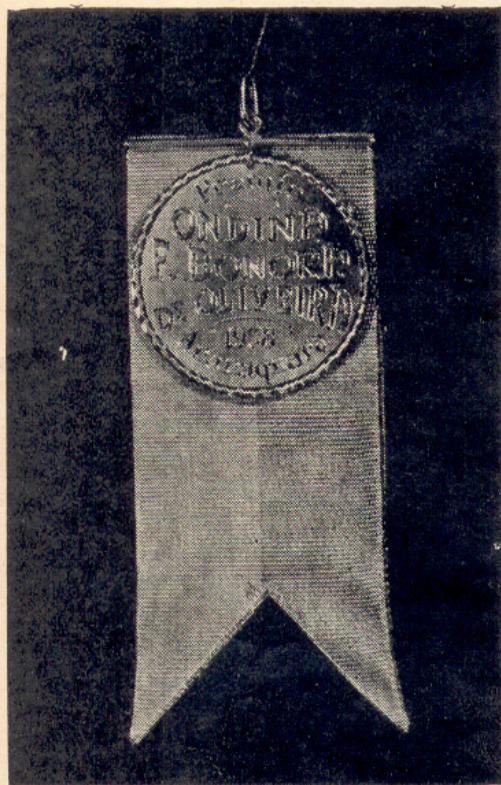
Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA — Caixa Postal, 18 — ARARAQUARA

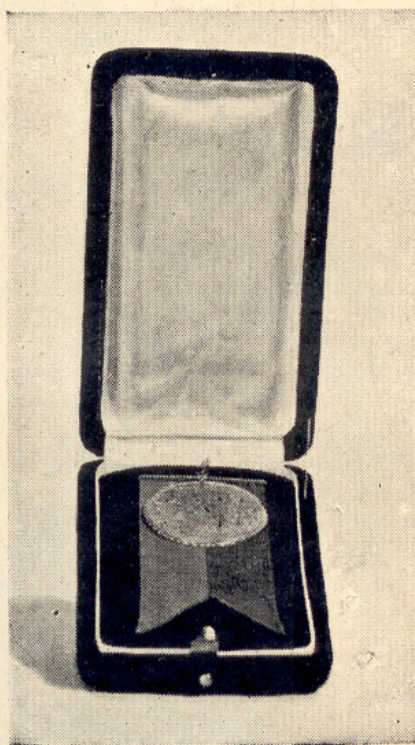
Ano II	ARARAQUARA, Março e Abril de 1940	NS. 19 e 20

Alonso Annibal da Fonseca
Ilustre pianista brasileiro

— PREMIO —

"Ondina Faria Bonora de Oliveira"

Em 17 de Abril último às 15 horas, na Secretaria do Conservatorio Dramático e Musical de Araraquara, efetuou-se a solenidade da entrega do Prêmio "ONDINA F. BONORA DE OLIVEIRA" — 1938 — a srta. Annita Castellan, diplomanda de 1939. O referido prêmio foi instituido pelo prof Clovis de Oliveira aos alunos do Curso Normal de Piano do Conservatorio de Araraquara, hoje o mesmo acha-se suspenso por determinação de seu doador.

Tamanho natural

Frente: "Premio Ondina F. Bonora de Oliveira, 1938, Araraquara";

O premio em seu fino estojo.

Verso: Conservatorio Dramatico e Musical de Araraquara, Curso de Piano, 1938.

"Resenha Musical" publicará no próximo número
o **2.° Suplemento Musical**
"1.° Estudo Brasileiro" — Artur Pereira
— para piano — inédito.

DISCURSO

Publicamos na íntegra, o Discurso pronunciado em 17 de Abril último pelo sr. Prof. Clovis de Oliveira, Diretor de "Resenha Musical", por ocasião da colação de Gráu dos Diplomandos de 1939, do Conservatório Musical de Araraquara, representando o paraninfo, sr. Prof. Samuel Archanjo dos Santos, D.D. Membro do Conselho de Orientação Artística do Estado, que por motivos de força maior não poude comparecer.

Surpreendido pelo encargo honroso de representar nesta primorosa festa, o meu nobre e distinto amigo, sr. Prof. Samuel Archanjo dos Santos, que os srs. Diplomandos, em feliz momento de reflexão, elegeram para o paraninfado deste áto solene, sinto-me envanecido pelo ensejo que se me apresenta para, mais uma vez, patentear a minha admiração por vós, srs. Diplomandos, e pelo vosso digno homenageado, membro eminente do Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, personagem de projetação notável e robusta influência no cenário artístico nacional.

E é em nome do vosso egrégio Paraninfo, e, no meu, que nêste instante elevo, respeitosamente, meu pensamento a Deus, pedindo bençãos e carismas a flux para vós que o dignificastes com um convite que mais parecia um artístico râmo das flôres mimosas do vosso bondoso coração e o perfume dos bélos sentimentos que o exornam em abundância, trescalante de suaves olências e irizado na delicada policromia de pétalas assetinadas, do que um protocolar ofício.

Êle vos agradece, enternecido, a vossa expressiva prova de amisade.

*

Vós, Diplomandos de 1939, mereceis os nossos louvores, pois fosteis felizes na escolha do vosso patrono, para este áto que simbolisa a conclusão do vosso curso em o nosso Conservatório.

Fosteis felizes, porque o vosso Paraninfo vos estima e é um bom na extensão da palavra. Exemplo vivo de lutador vigoroso e incançável, dotado de raros dótes de coração pela natureza, êle vem vencendo, galhardamente, a trilha longa de uma brilhante carreira artística que, iniciada nos bancos escolares, se elevou à regência pedagógica das classes estudantinas, alteando-se, mais tarde à direção suprema de uma escola de música de administração complexa e difícil, como a do Conservatório de São Paulo,em cuja orientação imprimiu, com o melhor de suas energias, um cunho artístico e moral de notável valôr que muito contribuiu para o renome daquele estabelecimento de ensino. Chamado pelo Govêrno do Estado, para prestar o seu importânte concurso ao Conselho de Orientação Artística do Estado de São Paulo, tem desenvolvido vasta e patriótica ação em pról do elevamento do nível artístico do nosso Estado e quiçá do Brasil.

Honesto sob todos os pontos de vista, não deixando-se levar nem pela inveja e nem pela ambição, êle é um paradigma à vossa futura carreira artística ou profissional.

Com a sua presença esbélta, varonil, cativante; com o seu semblante expressivo, franco e risonho; com o seu olhar cintilante, perscrutador, onde a severidade e a bondade se manifestam prontamente; com a sua voz flexivel, modulável à expressão dos afétos, suave ou vibrante, entusiasta ou exaltada, qualidades essas aliadas a uma lúcida inteligência, tem sobrepujado todas as pelejas que

se lhe depararam em sua longa jornada. A sua vida tem sido de contendas e de vitórias dignificantes. Mas, como já escreví algures, para um lutador honesto de vigôr e coragem não há intempérie que o afaste da luta. Não há barreira impediente ao seu progredir constante e firme.

Eis, srs. Diplomandos, em poucas palavras, o perfil admirável, invejável, do vosso preclaro Paraninfo.

Tomai-o como vosso temoneiro pelo roteiro das grandes aspirações artísticas realizáveis, das sublimes virtudes e do acrizolado amôr à Patria!

*

Diplomandos de 1939!

O trabalho: só o trabalho honesto e fecundo, produtivo e santo, póde elevar cada vez mais o nivel de nossa Patria.

E à mocidade cabe a maior parcela desse trabalho. Pelo trabalho vós vos tornareis dignos de vosso esfôrço.

E, ao iniciar amanhan a vossa carreira profissional, não deixeis de ensinar pela música do vosso Pais, porque só ela poderá dar ao carater em formação da nossa mocidade, o sentimento de brasilidade de que necessita. Deveis instruir pelas nossas melodias, pelos nossos rítmos, enaltecendo os nomes ilustres da **Historia da Música Brasileira.**

Depois de vos dar êste conselho, inspirado no mais acendrado patriotismo, no mesmo patriotismo que levou-me, em 1938, a instituir como estímulo aos alunos do Conservatório — do Curso Normal de Piano — o prêmio **"Ondina Faria Bonora de Oliveira", medalha de Ouro,** o qual, correspondente ao periodo letivo daquele ano, foi entregue às 15 horas de hoje, a distinta diplomanda srta. Annita Castelan, — assentado sobre as côres verde e amarelo da nossa sagrada bandeira, àquele humilde ouro, com seus reflexos, conclama que todos os nossos empreendimentos devem fundamentar-se no amor à Patria, incentivo básico para a infinita grandeza do Brasil! — concito-vos, srs. diplomandos, a caminhar na vossa carreira com a mesma distinção e brilho com que findais, hoje, o curso do Conservatório.

Ide: as alegrias de vossos lares, a bençam de vossos pais, o ósculo de vossos irmãos, aguardam-vos!

*

Não vão muitos dias, sua Excelência o Ministro da Educação, sr. dr. Gustavo Capanema, pronunciou um discurso sobre o valor das artes como fator educativo e moralizador de um povo, e a necessidade que o Estado tem de ampará-las.

Discurso que bem serviu de advertência a todas as autoridades do país que, nas rédeas do poder, ainda não tinham dado às artes o lugar que lhes competia na instrução e educação do povo.

E' precisamente neste ponto, srs., que a minha alma sente-se feliz, sente-se, mesmo, empolgada, pela retilinidade da ação governativa do nosso municipio, a cuja frente se encontra o espirito moço e culto do Sr. Dr. Camilo Gavião de Souza Neves.

Srs., Henrique Cezar Muzzio, notável critico de arte que viveu nos fins do século XIX, no Rio de Janeiro, escreveu, um dia:

"Não é preciso praticar as artes para conhecer a sua utilidade, para protege-las e honrá-las."

Senhores, essas palavras me vêm à memória providencialmente, neste momento. Oportunas, me vêm precisamente na ocasião em que nós todos, aqui, presentes, presididos pelo nosso ilustríssimo Sr. Prefeito Municipal, assistimos neste ambiente magnificente de arte, a colação de gráu dos alunos do Conservatório Dramatico e Musical de Araraquara, que concluiram o curso em 1939.

Praticar as artes, Srs., não é possivel a todos. Para praticá-las, precisa haver vocação, que de per si, é o gosto aliado à aptidão. Em cada

(Cont. na pág. 25)

Um Quarteto de Radamês Gnattali (*)

Prof. Luis Heitor Corrêa de Azevedo
Rio, 7-II-1940

Num dos últimos dias de Dezembro a Radio Nacional convidou-nos a ouvir, em seu estudio, a primeira execução pública do Quarteto de cordas de Radamés Gnattali. A obra é dedicada a Jorge de Lima e traz a data do ano de sua execução: 1939. Interpretaram-no, superiormente, Romeu Ghipsmann, Célio Nogueira, Edmundo Blois e Iberê Gomes Grosso.

Dado o prestigio que desfruta o jovem compositor, cuja obra se tem imposto pelas excelentes qualidades de fantasia, imaginação criadora e técnica realizadora que a distinguem, não julgamos desinteressante comunicar aos leitores de RESENHA MUSICAL algumas impressões acerca desse acontecimento musical de primeira plana.

Radamés Gnattali, rio grandense do sul, pertence à mais nova geração de compositores brasileiros, pois está apenas entrado na casa dos trinta anos. Seu aparecimento, como compositor, no Rio de Janeiro, deu-se em memoravel Concerto Oficial promovido pela Escola Nacional de Música, em 1931, e dedicado, exclusivamente, a obras de vanguarda da jovem escola brasileira. Nesse concerto os números subscritos por Gnattali obtiveram a mais convincente consagração. Depois disso a sua produção se tem multiplicado, sendo um marco importante a **Fantasia Brasileira**, para piano e orquestra, ouvida pela primeira vez em um dos concertos sinfônicos dirigidos por Villa Lobos. E', pois, de um músico que já conquistou as suas esporas de cavaleiro, na crônica da arte brasileiro, que nos vamos ocupar, comentando a sua derradeira obra: o **Quarteto.** Dele falaremos com o respeito que nos merece a sua indiscutivel autoridade.

O Quarteto de Radamés Gnattali consta de quatro tempos sem ligação cíclica entre si. O tempo lento é o segundo. A ambiência é francamente não tonal; uma escala lidia (fá com si natural, no primeiro tempo; do com fá sustenido, no último) dá origem aos principais motivos melódicos. As harmonias são as mais avançadas e pitorescas. Entretanto, apesar dessa harmonização não conformista e do emprego de um modo exótico, a música de Radamés Gnattali soa aos nossos ouvidos despida de toda agressividade, saborosa, macia, se assim nos podemos exprimir. E' este o segredo dos verdadeiros mestres e o fruto de uma técnica aprofundada e autêntica; enquanto certas páginas musicais, com algumas sétimas desastradas ou uma insignificante sequência de segundas, apresentam-se cheias de espinhos, escandalizando os ouvidos mais timoratos, outras, dominadas pelo tino sutil do verdadeiro talento criador, fazem passar despercebidas todas as ousadias contidas em sua elaboração. A música de Radamés Gnatalli — a experiência o tem provado — está fadada a um sucesso direto e imediato, entre o grande público. Mas esse sucesso o autor não o procura alcançar simplificando a sua dialética e barateando o seu espírito. Ele tem raizes na própria natureza dessa obras tão expontâneas, valorizadas por um

* Por absoluta falta de espaço deixou de ser publicada no numero anterior.

métier de artista tão acabado e tão brilhante, como é o de Radamés..

Inicia-se o **Quarteto** com um desenho rítmico excelentemente achado, sobre o qual o violoncelo entoa o primeira tema, largo, muito cantante:

Exposto esse tema, que aindo passa pelos violinos, cabe mais uma vez ao violoncelo apresentar outro tema, o segundo do tempo inicial, cujo contorno franco, quasi ingênuo, lembra uma canção de roda brasileira. Dentro do melhor espírito de fórma, os dois elementos temáticos, uma vez introduzidos, são postos em conflito, fracionados, modificados, às vezes jungidos um ao outro, em habilíssimo contraponto.

Em limites amplos, sem nenhum ranço de escola, Radamés Gnatalli soube dar aos tempos do seu Quarteto sólida estrutura formal, constatando-se, além da exposição, uma elaboração temática e uma reexposição, em cada um dos tempos rápidos do mesmo.

O desenho rítmico que, em pp, no I violino, inicia o segundo tempo, percorrendo-o todo, com uma insistência raveliana, ora num, ora outro instrumento, lembra um longuinquo e impreciso bater de tambores negros, em meio ao qual se destaca a frase deliciosa do canto, envolta num jogo de sonoridades que não pode deixar de lembrar-nos certas obras da escola francesa do século XX.

O terceiro tempo é, francamente, um Scherzo, com a sua frase de introdução ao geito de certas marchinhas cariocas de carnaval a que a vio-

la e o violoncelo respondem com um rítmo que não admite equívocos:

É nesse tempo, no entanto, que o Quarteto de Radamés Gnatalli, vai encontrar os seus acentos mais sestrosos, vasados num melodismo terno, um pouco rebuscado, bem brasileiro, diriamos melhor, bem carioca.

No último tempo o tema principal apresenta uma particularidade que serve para mostrar com que subtileza o compositor sabe comunicar à sua obra o carater nacional. Já o emprego de melodias em modo lídio era um índice desses processos, pois é sabido que essa feição modal é muito frequente em certos cantos do Norte. No tema em questão temos uma singularidade rítmica que também é comum no populário brasileiro: o acrescimo de meio tempo, determinando o

(Conclui na pág. 8)

- Chopin - As "Balladas"

Dr. Alonso Annibal da Fonseca

I

RESENHA MUSICAL tem o prazer de publicar um belo artigo, em forma de conferência, inédito, da autoria do ilustre pianista brasileiro, dr. Annibal da Fonseca.

Minhas Senhoras, meus Senhores.

Honrados com o convite para vos falar sobre as "Baladas" de Chopin, a principio achamos que deviamos recusar.

Não que nos fosse desagradavel a incumbência; longe disso; a honra e o prazer que dai nos vinham eram grandes e ademais sentiamo-nos lisonjeados.

A tarefa estava porém acima de nossas fôrças. Não somos literato; tampouco orador e mesmo que o fossemos escasseava o tempo para coordenar as idéas sobre assunto, por tantos motivos, vasto e complexo.

Depois hesitamos. A tentação era grande pois para o pianista nada há de mais sedutor que entreter-se a falar de Chopin a um auditorio culto como o que se nos depara e iniciado nas maravilhas da pianistica chopiniana.

Acabamos cedendo.

Daremos uma vista d'olhos retrospectiva sobre alguns momentos da vida do Mestre que ilustram mais que qualquer comentário e ajudam a penetrar suas intenções facilitando assim a tarefa dos que se abalançam a interpretar as suas obras.

Serão umas sumárias notas biográficas mas uteis contudo. E ainda que fosse de nenhuma utilidade é tão bom falar de Chopin! Chopin é uma creatura privilegiada, que se faz amar por todos os que lhe admiram o genio. Em se tratando dele não é possivel limitar-se alguem à essa sêca admiração que qualquer celebridade pode inspirar.

Quem lhe admira as obras dedica-lhe profunda afeição e toma-se do desejo de perscrutar-lhe a vida, saber o que lhe aconteceu, chorar com seus infortunios, regozijar-se com suas alegrias. E isto observa-se não só entre os profanos. Liszt, ele mesmo, escreve sobre Chopin um livro onde se colhe mais de uma informação interessante, mais de uma observação preciosa. Desculpai-nos pois se nos atardamos em sua biographia.

Diremos após, numa segunda parte, o que concerne às Baladas, principal objetivo deste saráu.

Sobre as "Baladas" em geral e o que compete a cada uma em particular e isso mesmo tanto quanto seja util à sua compreensão e possa facilitar a execução da obra por excelencia de Chopin.

Em 1794, um francês, vindo de Nancy para colaborar na direção de uma industria na Polonia, achava-se estabelecido em Varsovia; mais do que isso: de tal maneira identificara-se com a vida dos nacionais, que se havia alistado nas hostes de Kosciuzko, que pretendia resistir ao jugo da Russia que já uma vez desmembrara o país sob Catarina II. Esse francês chamava-se Nicolas Chopin e nesse ano de 1794 foi promovido a capitão, escapando milagrosamente ao assalto de Praga, suburbio de Varsovia tomado por Souvaroff. Daí passou êle a professor de francês da família Laczinski, onde conheceu, entre outras, Justine Krzyzanowska, filha de um fidalgo arruinado e Maria Walewski, depois tão célebre como Condessa Skerbek. Uma legitima inclinação por Justine teve por epilogo seu casamento com ela em 1806. Sua esposa deu-lhe desde logo duas filhas e em 1.° de Março de 1809, segundo uns, a 22 de Fevereiro

de 1810, segundo outros, deu-lhe um filho. Chamou-se Fréderic François Chopin.

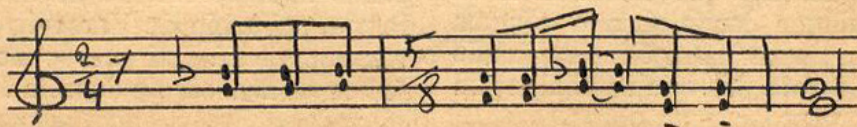
A familia vivia então em Zelazowa-Wola, em terras do Conde Skarbek, discipulo de Nicolas Chopin. Daí passou de novo para Varsovia, onde Nicolas Chopin devia lecionar francês no novo Liceu da Capital e pouco depois também na "Escola de Artilharia e Engenharia". O nosso Chopin deixou pois seu berço natal muito cêdo; aos 19 mêses.

Desde tenra idade manifestou o pequeno dotes excepcionais para a Música, dotes esses que um meio propício poude desenvolver com felicidade. A familia Chopin recebia o que havia de fino e intelectual em Varsovia. Aos 8 anos o pequeno tocou em público de modo a fazer lembrar a precocidade de Mozart. Aos 10. compôz uma marcha dedicada ao Grão Duque Constantino, irmão do Imperador e governador de Varsovia. Este a fazia executar pela sua banda de música. Os sucessos crescentes de Chopin decidiram seus pais a destinarem-no à carreira artística. Deram-lhe como professor de Música e piano Zywny, um violinista aliás, apaixonado por Jean Sébastian Bach. Mais tarde passou Chopin a receber os ensinamentos de Joseph Elsner para a composição. Ambos os professores reconhecendo as aptidões naturais do aluno, deixaram-lhe uma relativa liberdade de procéssos e souberam não comprimir nem estiolar em seu talento, muito embóra apenas em germen.

Chopin, afóra as horas de estudo era sempre folgazão; e muito dado, logo formou um grupo de amigos no colégio com os quais praticava toda a espécie de diabruras. Entre esses amigos de infância contavam-se os tres filhos e a filha do Conde Wodzinski, Titus Voyciechowski, Celinski e outros. Assim passaram-se os primeiros anos da infância e da adolescência até que aos 18 anos, o desejo de viajar apossou-se de Chopin. Um amigo da familia, o Prof. Yoracki, provavelmente um grande naturalista polonês, devendo ir a Berlim para um Congresso de Historia Natural, ofereceu-se para o levar consigo, prometendo aos pais todos os cuidados com a saúde do pequeno, já então delicada. Seu sonho dourado ia ser pois realizado e assim partiu êle a 9 de Setembro de 1828 para sua primeira viagem. Destinava-se à Alemanha, onde contava passar os dias nas salas de concerto. Mas que decepção! Em vez dos concertos, o Prof. Yoracki o arrastava aos debates do Congresso e dos Museus passava aos cenáculos científicos. Em vez de conhecer Meyerbeer, era apresentado

(Continua na pagina 10).

Um Quarteto de Radamês Gnattali

(Continuação da pagina 6).

alongamento do segundo compasso. que de 2/4 passa a 5/8:

Essa intromissão de compassos quinários, no último tempo, oferece ao compositor ensejo para algumas saborosas combinações rítmicas, como, por exemplo, quando o I violino executa o tema em 5/8 sobre um acompanhamento dos demais instrumentos, em divisão binária inalterável. O último tempo é longo, traçado com pujante imaginação e termina coroando brilhantemente a obra notável do jovem compositor que tanto tem ilustrado a produção musical brasileira de nossos dias.

Edições Musicais

Profra. Ondina F. Bonora de Oliveira

EL METRONOMO — **Rodolfo Barbacci** — Buenos Aires, Argentina:

Para os que conhecem a obra de **Alvin et Prieur** "Métronomie experimental", acharão forçosamente o livro acima, de Rodolfo Barbacci, um trabalho indispensavel á bibliografia dos assuntos musicais.

O primeiro capitulo "Parte historica", é iniciado com um princípio fundamental: "As belezas de uma obra musical se transformam profundamente si se altera o movimento ou velocidade." Compreende-se perfeitamente a necessidade que os antigos sentiram de possuir um instrumento que determinasse a exatidão rítmica.

Seguindo a róta histórica, estuda desde os primeiros rudimentares aparelhos "cronometro", "ékometron","rythmomêtre", "cronometre musical", e outros, analisando as investigações e descobertas de Mersenne, Esteban, Loulié, Saveur, D'Ons-en-Bray, Tongeau de Moralec, Pelletier, F. Thiemé, Despreaux, Venk, Weber, Winkel, Stockel até João Nepomuceno Maelzel, autor do metronomo aprovado em 1816, de todos os congeneres o mais difundido.

Investiga a seguir o metronomo atual e a sua parte tecnica; construção e uso pratico e, também, os metronomos posteriores ao de Maelzel. Consagra um capitulo aos "errores y anomalias en las indicaciones metronomicas". Assunto assás curioso e importante, repetindo uma interessante passagem do grande Beethoven, narrada pelo biografo Schindler: "Afóra o metronomo!, o que está dotado de sentimento não o necessita, e o que o carece, nenhum proveito tirará desse traste, que desconcertará toda a orquestra". Repulsa ocassionada pelo nervosismo momentaneo, segundo o seu biografo, tornando-se, logo, essa repulsa em admiração. Depois admirador de Maelzel, aconselhava particularmente o uso do metronomo desse inventor.

Expõe aos leitores varios meios de suprir a falta do metronomo, finalizando com os "Indices Acusticos" e no mencionado capitulo, estuda diferentes sistemas de enumerar sons musicais utilizando uma nomenclatura bastante complexa.

Aconselha a universalização das indicações metronomicas ou musicais homogeneas.

"Uma obra de arte vista através uma lente defeituosa, escreveu Lussy, póde parecer uma caricatura, uma monstruosidade".

Musicalmente falando, o rítmo é a lente que nos revela a obra de arte.

"LA NERVIOSIDAD DE LOS MÚSICOS — **Rodolfo Barbacci** — Lima, Perú.

O autor explana neste trabalho suas observações sobre a nervosidade dos músicos, com muita inteligencia, resolvendo verdadeiros problemas psico-fisiologicos, com rara competencia e sólida cultura literaria e técnica.

O sr. Rodolfo Barbacci é musicista de grande nomeada, concertista de harpa e piano, sendo na America do Sul, lídimo representante da gloriosa escola musical italiana.

CHOPIN — AS "BALLADAS"

(Continuação da pagina 8)

a Humboldt e em lugar de ouvir os Huguenotes ia vêr os dinosauros.

Após o encerramento dos trabalhos do tal Congresso voltou à casa, porém o gosto pelas viagens estava nele despertado. No ano seguinte, em 1829, parte Chopin para Viena. Em 11 de Agosto dá nessa capital seu primeiro concerto, tocando suas "Variações sôbre um têma de D. João de Mozart" e em um segundo concerto toca sua peça "Krakowiak" para piano e orquestra e repete as "Variações". Grande sucesso. Além disso, nos salões do Principe Lichnowski, tocou para este ouvir, a Sonata de Beethoven op. 90, ao Principe, dedicado pelo autor.

Após enfim uma série de triunfos, passando por Praga e Dresde, voltou Chopin a Varsovia porém com a firme intenção de não mais aí ficar. Apenas não havia ainda fixado definitivamente seu itinerário e muito menos ainda a data da partida. Quanto ao itinerário não sabemos ao certo o que o fazia vacilar. Sôbre a data, porém, não restava dúvida quanto aos motivos de sua indecisão. Eram os belos olhos de Constance Gladkowskaia, bela moça e aluna do Conservatório de Varsovia e dotada além do mais de belíssima vóz.

Pela primeira vez sentia-se Chopin seduzido pelos encantos da mulher. Enquanto tinha esperanças de a encontrar nos diversos salões onde se fazia música, Chopin adiava sempre sua partida e assim foi até o dia em que solicitado pela gloria que o chamava mais fortemente, decidiu-se enfim a partir.

Vemo-lo em Breslau a 1 de Novembro de 1830. Pleno romantismo!

Em 12 do mesmo mês já estava em Dresde e a 30 em Praga.

Daí vai pela segunda vez a Viena, onde porém, já não encontra os mesmos encantos que tanto o prenderam no ano anterior. Decidiu-se então a partir para Paris, também "de passagem" como dizia seu passaporte. Devia apenas fazer antes uma ligeira parada em Munich e outra em Stuttgart.Em 20 de Julho de 1831 tomou pois a diligência em Viena. Em Stuttgart, em 8 de Setembro surpreendeu-o a notícia da quéda de Varsovia, tomada pelos russos.

Quer a tradição que nesse momento, tomado do mais nobre sentimento de desespero pela Pátria infeliz, compuzesse seu célebre estudo op. 10 n.° 12 chamado revolucionário.

Nada ha de inverosimel, pois no momento estava compondo, segundo se diz, exatamente sua primeira série dos estudos, isto é, a que traz a indicação op. 10 da qual, esse, da revolução é justamente a chave de ouro. Aliás não só toda essa primeira série dos estudos mas parece que parte da segunda tambem estava pronta quando chegou a Paris.

Não obstante, mesmo a primeira só foi publicada dois anos após, em Paris, 1833 e dedicada a Franz Liszt. Posteriormente publicou segunda série, op. 25 e a dedicou á Condessa D'Agoult.

Os primeiros tempos em Paris foram dificeis para Chopin. Ainda completamente desconhecido na grande cidade, custou para se fazer introduzir nos meios artísticos e já se achava desanimado e pronto para voltar à Polonia, quando o acaso o fez encontrar o Príncipe Radziwill seu velho amigo, em cuja casa em Posen estivéra e onde se encontrava tudo quanto havia de fino e aristocrático. Há mesmo do grande pintor Siemiradzki um belíssimo quadro intitulado "Chopin em casa do Principe Radziwill".

É então por esse seu amigo levado à casa do Barão de Rothschild onde faz imediatamente grande número de admiradores e recebe bélas e múltiplas propostas de lições. Ei-lo enfim lançado em Paris. É curioso constatar que 50 anos mais tarde uma aventura mais ou menos idêntica

(Continua na pagina 14).

Os bons discos de Chopin

PIERRE WINANDY
Tradução do
Prof. Luiz Carvalhosa Garcia

(Continuação)

Citaremos ainda um disco de Wilhelm Backhaus, o H. M. V. n.c DB2059, onde se encontra gravada sua interpretação do 1.° Estudo em "ut" maior; assim como os dois discos do bem jovem pianista hungaro, já um mestre, Eduardo Kilenyi, os Pathé ns. P. g. 93 (ord. 25) et PAT 105 (ord. 30), que trazem as op. 10 ns. 1, 2, 4, 7, 9 e 11, e as op. 25 ns. 2 e 4. Todavia, Kilenyi é melhor em Liszt, e estes discos testemunham uma certa fraqueza fisica, devida sem duvida á duração do assento de tomada de sons.

N o t a: Ouve-se frequentemente gravados pelos amadores certos arranjos para canto, de estudos de Chopin, entre outros os do Estudo "Tristesse" ou "Intimité", ou ainda "Gvief", como o podemos baptizar. A maior parte desses arranjos não valem grande coisa, e um só é digno de atenção: falamos do Columbia n.° 4423 (ord. 25 cm.) onde este estudo adquire grande expressão pelas belas vozes russas dos "Choçurs Mixtes de la Chauve-Souris".

O primeiro disco trazendo u'a Manosso conhecimento bôas edições destacadas.

AS MAZURCAS

O primeiro disco trazendo u'a Mazurca de Chopin é o H.M.V. DB 2.788 que traz a Op. 50, n.° 3 em "ut" sustenido menor (ex. 30). De todas as obras do mestre, é aquela que revela melhor seu culto pelo grande Bach: escutamos o "Canon à l'octave" e logo ao principio, admiramos a gravidade do texto e logo deste teremos uma idéia. Horowitz nos dá dele uma interpretação que nada deixa a desejar.

Um outro artista russo Wladimir Pachmann, falecido há pouco em avançada idade, foi por muito tempo considerado o melhor intérprete do Polonês. Ele nos deixou, entretanto, poucos testemunhos do seu talento em discos: citaremos dele apenas as duas mazurcas: em "ut" sustenido menor op. 63, n.° 3 (uma das mais conhecidas) e a em lá menor op. 67, n.° 4 (H.M.V.) n.° DB1.106. Os outros discos que se recomendam para as mazurcas são todos da marca H.M.V. Estes discos são o D.B.1.462, que traz a mazurca em "ut" menor op. 56, n.° 3, agradavelmente executada por Artur Rubinstein; o D.B. 1.763, da em "ut" sustenido menor, op. 63, n.° 3, por Paderewski; o D.A. 1.353 (lx. 25) da em mi menor, op. 41, n.° 2, com Horowitz as cravo; os D.A. 982 e 1.305 (lr. 25) da em fá menor, op. 7, n.° 3 e em "ut" sustenido menor, pelo mesmo; D.B. 2.149, da em si maior, op. 63, n.° 1 e em ré maior, op. 33, n.° 2, executadas por Rubinstein sobre uma só face (no verso: vêr Bercense).

OS NOTURNOS

O famoso noturno em mi bemol maior, op. 9, n. 2, obrigatorio aos pianistas que saem dos principios é para se recomendar aos amadores si fôr executado por Paderewski (H.M. V. D.B. 1.763, lx. 30). O disco de Alfredo Cortot (H.M.V. D.13 1.321 lx. 30) não vale nada. Para o noturno em fá sustenido maior, op. 15, n.° 2, optamos igualmente pela interpretação de Paderewski (H.M.V. D.B. 1.167 lx. 30) ; a mesma obra é igualmente bem executada, sobra um disco H.M.V. bem antigo (ele data de 1926 ou 1927) pelo ilustre pianisto belga M. Arthur de Greeff (D. 1.379 lx. 30), porém a gravação não é sa-

tisfatória. Polydor, igualmente, o gravou com o concurso de Leónidas Kreutzer e este disco é bom (n.° 95.305 lx. 30). Os dois magnificos noturnos: op. 27, n.° 2 em ré bemol maior, e op. 62, n.° 1, são executados sobre um ótimo disco de Raoul von Koczalski (Polydor 95.172, lx. 30). Enfim, não deixemos passar em silencio uma outra gravação do op. 15, n.° 2, do qual fazemos questão: o H.M.V. n.° D1.721 (lx. 30) do polonês Mischa Leviztki: este disco data de alguns anos, porém sempre é excelente.

Deixemos todos os outros. Qualquer dos discos Columbia, de Leopoldo Godowski, um pianista russo naturalisado americano, não têm grande valôr artístico. Este executante é mais uma virtuose do que um músico.

AS "POLONAISES"

Qualquer disco destacado não vale a gravação integral de Arthur Rubinstein. Citemos todavia o H.M.V. D.B. 2.014 (lx. 30), que traz a op. 53 em lá ("Polonaise" n.° 8) executada por Cortot e o Columbia n.° D. 13.104 (lx. 25) que nos restitui a intepretação Marcel Ciampi da op. 26, n.°2, em mi bemol maior ("Polonaise" n.° 2). Notemos de passagem que o número oficial da "Polonaise" op. 53 é "8", mas que certos catálogos de discos a mencionam sob n.° 6. Isto é devido ao motivo, já invocado, que a verdadeira primeira "Polonaise" ("ut" maior, op. 3), é muito desconhecida, e que a verdadeira segunda "Polonaise", que é a grande "Polonaise" op. 22, com "Andante Spianato", é repertoriada á parte, sem número. De fato, aquelas que foram continuadas, por exemplo, no repertório inglês H.M.V., ou no Columbia, sob os n.os 1 a 7, levam nas partituras pianisticas: as 6 primeiras, os n.os 3 a 8, e a última, o título: "Polonaise-Fantasie".

Da Grande "Polonaise" op. 22, citaremos o "Ultrafone" n.° F.P. 1.372 (mi-lx. 30) de Carlo Zecchi. O primeiro dos pianistas italianos contemporaneos a interpreta de admirável maneira, mas omite o "Andata Spianata".

OS PRELUDIOS

Para os prelúdios, qualquer edição destacada não vale mais que a edição integral de Cortot nem mesmo as de Lostat, com uma execepção: Wilhelm Bakhaus nos dá uma belíssima execução do Prelúdio em "ut" maior, op. 28, n.° 1 (H.M.V. D.B. 2.059).

OS SCHERZOS

Estas obras tão possantes e tão patéticas, executadas em muitos discos de grande beleza, outra edição integral de Rubinstein. Para o primeiro Scherzo, em si menor op. 20, procurar o disco H.M.V. n.° B8.014 (ovd. 25) de M. Niedzielski. Para o segundo, op. 31, em si bemol menor, o mais célebre dos quatro, ter-se-á à escolha entre: o Columbia da pianista inglesa Irene Sharrer, execução ao mesmo tempo robusta e sensivel (D.X. 433 ovd. 30); e o Columbia n.° D.15.225 (lx. 30) do artista francês Marcel Ciampi (de 1930), velho, mas de uma vivacidade admirável e de uma execelente gravação.

O terceiro, em do sustenido menor, op. 39, foi muito bem gravado, há alguns anos, por Mischa Levitzki (H. M.V. D. 1.814 lx. 30). Mas este disco, depois foi suplantado, em qualidade, e deste Scherzo, prefiro a gravação Pathé n.° 98.071 (ovd. 30), de Jacques Dupont. Este vale tanto como a de Rubinstein.

Quanto ao quarto "Scherzo", o mais bonito, dele existe um disco admirável, bem recente, o H.M.V. n.° D.B. 3.397 (lx. 30) de Wladimir Horowitz. Este artista russo é decididamente o deus dos pianistas. Seu disco supera sem contestação possivel o de Rubinstein. Mas a peça é curta de fólego, e é uma daquelas das quais a composição, no dizer do mesmo Chopin, o fez transpirar.

(Continua na pagina 22).

Do sr. Benedito Valladares Ribeiro, D. D. Governador do Estado de Minas Gerais, recebeu o Diretor de RESENHA MUSICAL, o seguinte cartão:

"AO PREZADO AMIGO PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA, BENEDICTO VALLADARES RIBEIRO CUMPRIMENTA E AGRADECE A GENTILEZA DA REMESSA DE TRES EXEMPLARES DA REVISTA "RESENHA MUSICAL", QUE SE PUBLICA NESSA CIDADE, SOB SUA ILUSTRE DIREÇÃO."

Belo Horizonte, 27/3/940.

"PELA SUA VARIADA E ESCOLHIDA COLABORAÇÃO, "RESENHA MUSICAL" — É UMA REVISTA DE INDIPENSÁVEL UTILIDADE AOS QUE SE DEDICAM AOS ASSUNTOS MUSICAIS, APRESENTADA EM BRILHANTE ASPÉTO MATERIAL, REVELANDO A INTELIGÊNCIA E A CULTURA DO SEU ILUSTRADO DIRETOR."

Dr. CAMILO GAVIÃO DE SOUZA NEVES, D. D. Prefeito Municipal de Araraquara

20/4/40

CHOPIN — AS "BALLADAS"

(Continuação da pagina 10).

tornava conhecido e consagrado o seu maior intérprete.

Com efeito em 1882, a Princesa Bibesco apresentava ao "tout Paris" em seus salões Ignace Jan Paderewski o maior pianista depois de Liszt e que é ao mesmo título que Chopin um grande patriota e foi o elemento decisivo para a libertação e resurreição do País que lhes deu o berço e que ambos extremeceram. Paderewski, como Chopin, já se sentia desanimado, devido sobretudo aos prognósticos que lhe havia feito um grande pianista da época para quem, foi tocar e com quem pretendia aconselhar-se.

Este lhe disse: "Você nunca será pianista; não tem bôas mãos, falta-lhe agilidade e seu toque além de áspero, carece de colorido!" Imaginai por um instante a desilusão produzida! Leschetitzky, porém, deu-lhe tudo isso em dois anos e tornou-o o mais célebre de todos os pianistas do mundo e o mais ilustre intérprete de Chopin.

Mas voltemos a Chopin em 1831. Dessa data em diante, a situação de Chopin estava feita e brilhantissimamente. Ainda uma aventura amorosa; a segunda que se conhece: Maria Wodzinski a quem Cortot chama a "noiva de um dia". O que é certo é que se conheciam desde a infância. Em 1835, encontraram-se em Marienbad onde Chopin a via diariamente e com ela tocava a quatro mãos. No ano seguinte, viram-se de novo e em Dresde retomavam o romance no ponto em que o haviam deixado e, segundo parece, o nosso artista a pedira então em casamento. Ela aceitou. No dia seguinte, deviam, porém, se separar, partindo ele de Dresde de regresso a Paris e ela dirigindo-se a Varsovia. Como expressão dos sentimentos que o assaltaram nesse momento, veio-lhe um tema que ele imediatamente escreveu e lhe dedicou com estas simples palavras: "Pour Mlle. Marie, Dresde, 1835". Ela intitulou o poemeto "Valse de l'adieu" e ofereceu-lhe uma rosa. Mas... "la donna é mobile" e ela mudou de idéia. Diz Michel Délines em seu trabalho sobre Chopin: "Certamente ela acabou compartilhando da opinião do pai que não achava Chopin, ainda que célebre, um bom partido para sua filha, joven aristócrata. Maria contudo prometeu a Chopin uma lembrança eterna em seu coração e provou-lhe isso casando-se seis mêses depois com o Conde de Skarbek."

O coração de Chopin nunca se restabeleceu desse golpe e à aquela rosa que nesse dia ela lhe deu nunca mais se separou e murcha, seca, atada com uma fita de seda com as palavras " a dôr de minha vida" foi ela encontrada pelos seus amigos por ocasião de sua morte. Noivos, realmente só se viram aquele dia. Isso explica o apelido dado por Cortot.

Quanto à "Valse de l'adieu" foi ela publicada como obra póstuma de Chopin por Fontana e traz a indicação op. 69 n.º 1.

Outra coincidência curiosa; quasi ao mesmo tempo, Liszt via desfeitos seus sonhos de amor e casamento com a Condessinha de Saint Cricq pelas mesmas razões e da mesma fórma. O segundo estudo de Chopin op. 25, parece evocar, pela sua leveza, seu caráter etéreo, imponderável, quási imaterial, a figurinha graciosa de Maria de Wodzinski. "Tão leve e vaporosa como o sonho de uma criança". Assim traduzia Schumann sua impressão ao ouvir Chopin executá-lo.

Com efeito, Schumann o ouviu nessa ocasião. Ao sair de Dresde de volta a Paris, Chopin fez uma parada em Leipzig, onde foi procurar Mendelssohn. Este o levou direitinho à casa de Clara Wieck, noiva de Schumann, que também lá se achava. O apartamento do "papai Wieck" nesse dia abrigou, como diz Guy de Pourtalès, os tres maiores compositores do momento.

É provável que Chopin tenha tocado nessa ocasião seus "Esudos" op. 25, que devia precisamente estar compôndo e que só foram publicados dois anos após, isto é, em 1837, quatro anos depois dos primeiros, op. 10, publicados como já sabemos, em 1833. Schumann nos deixou um precioso relato a respeito do primeiro "Estudo" op. 25: "Mais um poema do que um estudo" diz ele e acrescenta referindo-se à maneira pela qual Chopin o executava: "Enganar-se-ia quem supuzesse que ele fazia ouvir claramente todas as notas que se acham escritas. Era mais um fluxo e refluxo de harmonias através das quais percebia-se numa sonoridade mais acusada a melodia maravilhosa" e mais adiante: "tal qual uma harpa eolia da qual se desprendessem as mais doces ondulações sonoras e aqui e ali, jogadas esparsamente, as notas duma melodia da mais inefável doçura."

É bem possível que Schumann tivesse ouvido tambem nessa mesma ocasião a 1.ª Balada que já devia estar composta, muito embóra só tenha sido publicada no ano seguinte. É sabido que Schumann tinha uma grande predileção por essa obra de seu amigo.

Enfim, em 1837, Chopin encontrou sua grande companheira para a vida na pessoa de George Sand, que, aliás, a princípio, inspirou-lhe a mais decidida repulsa.

Por assim dizer, inicia-se então, a segunda fase da vida do glorioso compositor, período áureo de sua existência, em que o artista medita, ensáia e por fim realiza suas mais importantes produções. Pode-se dizer que esse período inicia-se em 1836 com a publicação da "1.ª Ballada", op. 23, em sol menor.

Algo diremos sobre as principais datas que marcaram sua existência, de então até a morte. Logo no ano seguinte, 1838, Maurice, filho de George Sand, achando-se enfermo, esta resolveu procurar um clima mais ameno e aconselhada por um amigo decidiu-se por Maiorca, uma das Baleares, cuja temperatura, luminosidade e secura do ar muito convinha ao pequenito.

Em caminho, alcançou-os Chopin, que já não se conformava com a separação e juntos foram todos instalar-se no antigo convento de Valdemosa onde Chopin ocupou desde a chegada uma célula tão triste e tão sinistra que ele mesmo a chamava de sepulcro.

Alguns de seus biógrafos dão como aí esboçada a Marcha Fúnebre que mais tarde veio ser parte integrante desse extraordinário poema sonoro que é sua segunda sonata, op. 35, também chamada Sonata Fúnebre ou Poema da Morte. Somos levados a crêr que, si a Marcha Fúnebre aí foi composta, toda a Sonata aí foi pelo menos concebida, pois a unidade de pensamento revela-se tal que impossivel seria a ter-se ideado aos pedaços.

Cont. no próximo núm.

Recebemos e Agradecemos

"Revista Musical Peruana", ns. 1 a 12, ano I, 1939, editada em Lima, Perú

"Revista Musical Peruana", n. 13, ano II, 1940, editada em Lima, Perú.

— Registramos com grande prazer a recepção da explendida "Revista Musical Peruana", editada em Lima, Capital do Perú, sob a provecta direção do ilustre mucisista prof. Rodolfo Barbacci, nosso fino colaborador, autor de muitos trabalhos de musicologia, critico musical de valor e eximio virtuose. A "Revista Musical Peruana" traz em suas paginas, mensalmente, cronicas assinadas pelos vultos de maior relevo na vida artistica da America do Sul e do paiz irmão.

"A. P. I. S. P.", Revista da Asso-

Removendo o pó do Tempo...

Prof. Clovis de Oliveira

SUBSIDIO PARA A HISTORIA DE ARARAQUARA

III

Numa tarde silenciosa, dois amigos conversavam nervosamente. Discutiam. O assunto deveria ser música, pois que eram dois músicos, o maestro Florindo e o Júlio Porta. E, de fato, dessa conversa, surgiu uma aposta, uma ceia. O Florindo daria uma música para o Porta estudar durante um mês e o Porta daría uma outra para o Florindo lêr à primeira vista.

O resultado foi o que muitos já antecipavam. O Florindo ganhou e ganhou bonito, tocando habilmente o bombardino.

Desgostoso, o Porta resentiu-se com o Florindo, e, para mostrar a este o quanto era capaz, aprontou-lhe uma surpreza...

FOSCA! FOSCA! trechos da ópera FOSCA, vão ser executados por uma banda sob a regência do **maestro** Júlio Porta. Anuncios eram distribuidos por toda a parte e em todas as portas. Muito reclames foram pregados nas paredes. O Porta estava estusiasmado porque ía mostrar ao Florindo o quanto era capaz!

No dia aprazado, a Confeitaria Paulicéa, do João de Merlo, regorgitava de povo. Todos os músicos da cidade alí estavam. Um povo curioso, ancioso para ouvir o que o Porta tinha preparado com tanto alarde.

Começou o concerto. Tudo ía bem. Mas, como não há bem que sempre dure, eis que em determinado sólo o clarinete enrosca e a banda não deu entrada, estabelecendo c o n fusão. Atrapalhação geral! E o maestro, sob vaias da massa popular chamou a atenção dos músicos batendo com a batuta na estante:

— "Da capo!"

*

Em 1903, havia em Araraquara a bem organizada "Società Italiana di Mutuo Soccorso", que no desejo de concorrer para o progresso local, resolveu criar uma banda, para o que convidou o sr. João Pinto Cardoso para organizá-la e dirigí-la. Infelizmente esta nova corporação não durou mais do que um ano de existência, assim mesmo bastante irregular

*

Julho de 1903

Mês consagrado ao Sagrado Coração de Jesús. (*)

Preparavam-se na terra araraquarense muitas festas religiosas Tudo obedecendo à direção da sra. Branca Corrêa, muito estimada na sociedade local. D. Branca compreendeu a necessidade de ser formada uma banda para dar maior realce ao movimento festivo anunciado. Com essa intenção pôs à disposição do sr. João Pinto Cardoso, uma importancia afim de ser adquirido o instrumental necessário, o que foi efetuado.

Batizada com o nome de Italo-Brasileira e formada por antigos elementos da extinta corporação do mesmo nome, assumiu a regência o Mtro. José Tescari.

Terminadas as festas religiosas, fundiu-se a Italo-Brasileira com a sua congénere Carlos Gomes, que atuava sob a regência do Mtro. Rafael Quaranta. O fim principal desta fusão era fazer concorrência à "Mutuo Soccorso".

Pouco tempo durou esta união. Uma vez separadas, tomou a direção da Italo-Brasileira, o sr. Manéco

(*) Hoje festejamos em Junho.

Pinheiro e da Carlos Gomes, o sr. Florindo Castellan.

A seguir, dirigiram a Italo-Brasileira, os srs. João Pinto Cardoso, João Aranha do Amaral, Jorge Galatti (hoje residente e mMarilia), autor da conhecida valsa "SAUDADE DE MATÃO", gravada em disco Victor, n.° 34.498, e, finalmente, João Pinto Cardoso, outra vez, nas mãos do qual ela dissolveu-se, mais ou menos, em 1914.

*

Por volta de 1910, mais ou menos, o Joaquim Cândido que era um músico muito conhecido, fundou uma pequena orquestra que denominou "7 de Setembro", e para integrá-la convidou os srs. Flaminio Ramalho, Alvaro Montéro, José Ferreira da Silva (Zico Salomé), um sobrinho do José Cândido — ainda menino, muito admirado no violino pela sua precocidade —, Luiz Inácio do Amaral Gurgel (Nhônhô Gurgel), Benedito Gomes, Agenor Arruda, Raul Tobias Monteiro.

Embora muito apreciado, o conjunto pouco tempo durou.

*

Existiu também em Araraquara, a orquestra do João Aranha do Amaral.

Também o Angelo Bonetti (Angelim), fundou uma pequena orquestra a qual teve os seguintes membros: Angelim, Américo Brunelli, José Furlan (Juca), Nicola Lodá, Tomás Roda, Antonio Zerbini e um flautista cujo nome não poude ser lembrado.

A Orquestra Santos Dumont, como se chamava, proporcionava à mocidade araraquarense de então, os seus momentos agradáveis que passava dansando no Clube Araraquarense, que funcionava no antigo prédio demolido em 1936, para dar lugar ao magestoso Cine Paratodos

*

Estamos em 1907, véspera de eleições. Todos se agitavam e davam palpites. A Banda Carlos Gomes, fazia ensáios para tocar nas proximidades do colégio eleitoral, para o que já tinha sido solicitada por uma das facções.

No dia das eleições a cidade foi acordava com estrugidos dos fogos, que anunciavam o pleito.

A Banda Carlos Gomes foi postarse na rua 1, principio da Avenida 6 (hoje Italia), onde ficou preparada para sair a qualquer momento.

Um homem chega às pressas. Era o Faria, fiscal da Camara, que vinha chamar a Banda para tocar.

— Ainda faltam uns músicos! respondeu o Mtro. Florindo.

Logo mais, outro fiscal, o Jacob, esbaforido, ancioso, nervoso, vem reclamar a presença da Banda.

— Já irá! desculpou-se, o maestro. Espero apenas a chegada de alguns músicos

Parecia que a banda não mais ia sair de seu pouso, quando chegou apressado o Nhônhô Magalhães (Carlos Leoncio de Magalhães), gritando:

— Florindo, música! Nós vencemos!

E o maestro, sorrindo, erguendo um dos braços, deu ordem:

— Vamos, música p'ros Carvalho!

Momentos após, a imponente corporação festejava o vitorioso do pleito postada em frente ao edificio da Camara Municipal, que naquele tempo funcionava no antigo prédio, já demolido do Banco Comercial do Estado de São Paulo, em 1938, sito na esquina da rua 3 com Avenida 2.

*

Em 1911, foi fundada uma banda que tem continuado a existir até os nossos dias com longas fases de desfalecimentos: a Banda Líra Araraquara

O seu primeiro regente foi o Manéco Pinheiro, a seguir os srs. Raul Tobias Monteiro, Zeferino Bartolomasi e Raul Tobias Monteiro (novamente), nas mãos do qual ela terminou em 1915, a sua primeira fase de vida.

Eram músicos da Banda, os srs. Raul Tobias Monteiro (regente), João Pereira, Joaquim Mendonça, Antonio F. Ferraz, Estevam Prosilo, Octavio Vitalis, Afonso Rogério, Amancio Rodrigues, Francisco Piccolo, Bento Tages Navarro, Luiz Vicente Conde, Afonso Vitalis, Pascoal Marino, Manuel Junqueira, Braz Pinheiro.

Compunham a sua diretoria os srs. dr. Augusto Freire da Silva Junior, presidente; João Ignacio do Amaral Gurgel, diretor fiscal; Manuel Sebidanes Martins, tesoureiro; Raul Tobias Monteiro, regente.

No Jardim Público — primitivo Largo da Bôa Morte, hoje Praça Independencia — se realizavam os concertos aplaudidos pelo numeroso público que alí encontravam o seu passeio predileto aos domingos e feriados.

Recusada pela Camara Municipal, ao dr. Freire Junior, uma subvenção á banda Líra Araraquara, esta viu suspensa a sua atividade, reaparecendo em 1917 com os mesmos componentes, porém com outro nome, Líra São Paulo Northen.

*

Em 1912 (?), falece após prolongados sofrimentos, vitimado por pertinaz molestia, o devotado maestro Florindo Castellan, deixando acéfala a direção da Banda Carlos Gomes.

Refeita da morte de seu dedicado regente, é posto á frente do conjunto em 1915, o maestro Rafael Quaranta. Figuraram no conjunto os srs. Fernando Sarogó, José Lia, Nicoláo Lodá, Rafael Quaranta, Antonio Pannacci, Miguel Sereno, Americo Brunelli, Joaquim Nunes, Victorio Bonetti, Luiz Rossignamo, José Magdaleno, Miguel Cortez, Rafael Lia, Pascoal Scrocco, José Lodo, Henrique Bonetti, Leoluca Bertuca, Geraldo Angerami e José Corpo.

Eram seus diretores nessa época os srs. Dario Alves de Carvalho, presidente; Nicoláo Lodá, secretario; Eurico Bonetti, tesoureiro; regente Rafael Quaranta.

Infelizmente, o maestro Quaranta transferiu-se para Rio Preto, onde mais tarde veiu a falecer, deixando acéfala a direção que foi confiada tempo após ao maestro José Bovolenta que a reorganizou; porém, pouco tempo permaneceu nesse cargo passando-o ao sr. Francisco Farina. E com a saída deste esforçado elemento, a Banda Carlos Gomes passou por uma fase amarga de completo esmorecimento, que durou cerca de tres anos.

Conjugando todos os elementos possiveis, a Banda foi reorganizada e a sua direção musical entregue ao sr. Nino Napoli. Músico da mesma, desde a mais tenra idade, foi sempre um elemento muito dedicado a sua corporação. Ocupou diversas vezes a regencia da mesma, anteriormente, como o mestre substituto. Figurou na Italo Brasileira, quando veio para Araraquara e muitas vezes, tem integrado os conjuntos orquestrais.

E'. este o atual regente da antiga Carlos Gomes e os seus músicos, os seguintes: Francisco Abritta (Chico), Jacyr Casanova, Miguel Janota, Antonio Lemos, Nicolini, João Reis, Rebelo Corpo, Gobatto, Raga (pai e filho), Mario Malagoli, Jacinto Bonini, Arlindo Latorre, Nicola Birlinguer, Victor Grigole, João Ponce e Nicola Pititto.

*

Em 1915 haviam duas bandas dentro do municipio de Araraquara. Uma em Santa Lucia, sob a regencia do sr. José Avella, a Corporação Musical "Bento de Abreu" e a outra em Nova Paulicéa, que denominava-se Líra Nova Paulicéa.

*

Em 1917, reaparece a Líra Araraquara, porém, com outro nome, Líra São Paulo Northen, reorganizada pelos srs. Flaminio Ramalho, Joaquim Oliveira Machado e outros, receben-

do auxilio diréto da Direção da estrada que lhe emprestou o nome.

Encampada mais tarde pelo Governo do Estado, a São Paulo Northen, a banda passou a denominar-se Líra Estrada Araraquarense. Era diretor da Estrada nessa ocasião o sr. dr. Theophilo de Souza, que muito impulso deu para vitalidade do pequeno conjunto musical.

O maestro José Tescari, como funcionario da Estrada nessa época, foi o seu primeiro regente, deixando-a algum tempo depois, nas mãos do sr. Raul Tobias Monteiro.

Era a preferida para todas as festas, vindo daí uma certa rivalidade entre as duas corporações locais, pois que a outra, a Carlos Gomes, sob a regencia do sr. Bovolenta, passava por uma crise monetaria terrivel, dessas que fazem até calar a voz de Euterpe.

Em vista desse estado de cousas, por volta de 1920, provavelmente, foi tentada uma fusão, cuja foi rejeitada, quando a idéa parecia tão feliz e acertada.

Mas o sr. Tobias não permaneceu por muito tempo á testa da Líra, passando a regencia ao sr. Tages Navarro, que convidou para substitui-lo mais tarde, o sr. Michelino Maizano (hoje residente em Jaboticabal), que veio de Dobrada. Quando a Prefeitura Municipal concedeu-lhe uma subvenção (o conjunto já não mais pertencia à Estrada), o nome da Líra mudou para a Banda Brasileira, denominação essa que conserva até os nossos dias, sob a regência do sr. Joaquim Antonio Nunes.

*

O conjunto da Líra Estrada de Ferro Araraquarense, foi em determinada época adida á linha de Tiro 610, sob a regencia do sr. Tobias Monteiro. Numa excursão promovida pelo Tiro de Guerra, a Taquaritinga, a Banda realizou um magnifico concerto naquela cidade.

Como lembrança da bela atuação da Banda em Taquaritinga, o presidente do Tiro, sr. Luiz Pinto Ferraz (Lulú Pinto), ofereceu ao maestro Tobias, uma batuta de ébano encrustada em prata, com a seguinte inscrição:

"Ao seu maestro Raul Tobias, oferece o Tiro de Guerra 610 — Araraquara, 3-3-919".

A pedido da colonia portuguesa, aqui domiciliada, foi aqui ouvido novamente o mesmo concerto, recebendo o maestro Tobias mais provas de admiração e de amisade do povo araraquarense. E' dessa ocasião, uma medalha de prata, que recebeu com a seguinte inscrição:

"M. Quental oferece a R. T. Monteiro em memoria do concerto realizado em 20 de Abril de 1919 — Araraquara".

*

Dou por terminada aqui a pequena historia que desejei fazer com o fim de perpetuar nos arquivos especializados, os nomes modestos de devotados músicos que trouxeram com a sua arte quasi amadoristica, a alegria musical á população primitiva e á atual desta cidade florida que exorna beleza e riqueza dentro do Brasil; e, contribuir, mui modestamente, para a Historia desta cidade, relembrando e fixando nomes e fatos antigos e modernos que apenas tive conhecimento com o trabalho de investigação que expuz e os quais corroboraram para o progresso de Araraquara.

*

Aqui fica o meu sincero agradecimento a todas as pessôas que expontaneamente me prestaram informações para a composição do pequeno trabalho que óra conclúo.

Bibliografia: Album de Araraquara, 1915; Araraquara (o municipio, a cidade e o povo), 1928, Casas Duprat e Mayença, São Paulo; Almanak da Provincia de São Paulo para 1873, por Luné e Fonseca, São Paulo.

Um rei que passou pela vida como um sonho

Luiz II da Baviera era pálido, altivo e solitario. Disseram-no louco e por louco encerraram-no naquele castelo de Berg, em cujo lago foi encontrado morto, abraçado ao cadaver do dr. Gudemos, seu carcereiro e terrivel algóz.

Mas, em verdade, teria sido louco este rei, jovem, generoso e apaixonado que amava a arte e as montanhas, o silencio e a solidão?

No recolhimento dos seus parques, ou no silencio dos seus salões, que buscava sua alma torturada? O mistério, talvez, da sua propria melancolia?... Interrogaria, ele, na solidão, como Hamlet, o abísmo sombrio do Nada? O vazío da existência? A profunda inutilidade de tudo?

Eram longos momentos, esses, em que seu espirito, fugindo á triste miséria e da vida dos homens, buscava o grande seio da natureza e reclinado sobre ele, adormecida, talvez, ouvindo a pura sinfonia das cousas simples e eternas, que cantava ou gemia ou suspirava pela voz dos ventos e das aguas, dos passaros e das folhas.

Louco? Quem sabe!...

Porque, poucos souberam sentir e amar essa obra como este triste e pálido mancebo que mandou construir sobre as altas montanhas da sua patria um castelo para cada um dos herois wagnerianos: Neuschwanstein, castelo de Parcifal; Hoenschwangau, solar de Lohengrin...

Na tarde do dia em que pela primeira vez foi recebido pelo rei-artista, — que indiscutivelmente o era Luiz II — escrevia Wagner a uma de suas amigas de Zurich, a senhora Wille:

"Fui hoje recebido pelo jovem rei da Baviera! Desgraçadamente é ele tão belo, ardente e generoso que temo seja sua vida, neste mundo tão vulgar, como um divino sonho fugitivo. Ama-me ele com fervor e entusiasmo juvenis. Sabe e conhece tudo que a mim diz respeito. Quer ter-me sempre a seu lado; que eu descance, que termine os Nibellunge. Deseja afastar de mim toda preocupação material da vida. Que pensais de tudo isto? Não é uma cousa inaudita? Não será tudo isto um sonho?"

Mas o **sonho** realizou-se.

Não obstante a oposição do governo e do povo que tinham em conta de verdadeiras loucuras as despezas que o rei ordenava em beneficio das artes, foi Luiz II, alma refinada de artista, que salvou o sonho wagneriano de um miserando desastre.

Este rei **solitario**, que altas horas da madrugada erguia-se do leito para percorrer sozinho as aleas desertas dos seus parques; este pálido e merencoreo sonhador que aos dezenove anos de idade, subindo ao trono, revelava-se imediatamente um sincero e fervoroso amigo da Arte e da Beleza sonhou para Wagner e sua obra um teatro que fosse ao mesmo tempo ára e consagração. Este templo de arte devia surgir, magestoso como um monumento erguido ao Genio, rico de mármores e bronzes como um destes sonhos helenicos sonhados pelos **homens** terriveis da Renascença, afim de uma alameda de dez kilometros de extensão!

Este sonho deixou de ser realidade pela tenaz oposição que ao rei e a seus projetos artisticos moveram não só o governo e o povo, como os musicistas de Monaco a quem a gloria do criador de Parsifal começava a obumbrar. Luiz II não poude, assim, levar a cabo seus grandiosos projetos. Começaram a chama-lo de louco, delapidador dos dinheiros públicos. A inveja, a ignorancia, as mesquinhas rivalidades profissionais, ainda uma vez patuavam a ruína daquilo que um nobilíssimo espirito erguia nas azas da fantazia para glo-

ria de sua patria e de seu músico genial.

E o grande teatro não poude ser construido; em compensação Luiz II mandou edificar alguns castelos que numa lírica oferenda, consagrou aos lendarios herois wagnerianos...

Em suas noites de insonia e de melancolia, quando sua alma dolorosa recordava, talvez, o seu grande amor impossivel, passava o rei, sozinho, horas e horas a ouvir trechos de músicas amadas que pequenas orquestras sabiamente disfarçadas na sombra executavam primorosamente... Amava a solidão a ponto, como é sabido, de assistir, **sozinho**, á representação das operas de Wagner, em cujo espirito sentia fraternas afinidades misticas e religiosas.

Era um louco? Era um sonhador?

Rei que **passou pela vida como um sonho**, muito possuia ele em sua alma daqueles lendarios e puros herois que amava. Belo, jovem, poderoso, nada lhe faltava para deixar na historia uma dessas paginas brilhantes que os monarcas moços e belos escrevem com a espada de seu capricho no fragil coração das mulheres. Não o tentava, tal gloria, porém. Ao fausto das côrtes, ao brilho das reuniões mundanas, á reverencia convencional dos aulicos preferia Luiz II a solidão e o silencio das montanhas, a sombra lírica dos parques, o recolhimento beneditino dos lugares sem ninguem... E, acima, de tudo isso, alta entre as nuvens, longe da terra, proxima do céo, essa música que fez tremer todos os corações da terra; a música de Ricardo Wagner.

E por isto tudo, foi bem Luiz II da Baviera **um rei que passou pela vida como um sonho.**

OS BONS DISCOS DE CHOPIN

(Continuação da pag. 12).

Em edições destacadas, nós temos as grandes interpretações de Paderewki: o H.M.V. D.B. 1.273 (lx. 30), que nos dá o prazer de ouvir a primeira das valsas, a op. 18 em mi bemol maior; e o H.M.V. D.B. 380 (lx. 30), gravação acústica da qual o lado técnico é bem acabado, mas onde a Grande Valsa op. 42, em la bemol maior é traduzida de maneira assás prestigiosa. Para a op. 42, a qual quer podemos preferir o H.M.V. D. 1.379, ou o Ultrafone F.P. 1.486 em que, respectivàmente, a executam Arthur de Greeff e Carlo Zecchi. Estes dois discos, o segundo sobretudo, estão melhor gravados. Apreciamos igualmente bastante a Polydor n.° 95.143, de Alexander Brailowski. Gostamos muito menos dos H.M.V. n.os D.B. 2.166 de Simon Barer e dos D.B. 2.772, de Moritz Rosenthal: interpretações muito pessoais e por conseguinte, um pouco fantasistas.

A valsa brilhante op. 34, n.° 1, em la bemol maior, é executada de maneira deslumbrante por Rubinstein (H.M.V. D. 131.160 lx. 30). Para a curta e viva "Valse-Minute" (op. 64, n.° 1, em ré bemol maior) daremos a palma a Wladimir de Pachmann (H. M.V. D.A. 761), máo grádo uma sonoridade nem sempre exemplar. Para o n.° 2, da mesma op. nós escolheremos Cortot (H.M.V. D.B. 1.321, lx. 30) ou Rubinstein (H.M.V. D.B. 1.495 onde ela é colocada entre o 1.° e o 2.° movimento do concerto em fá). Vejamos agora uma valsa pela qual um film "A Valsa do Adeus" fez a sua celebridade. Esta valsa não é outra senão a em la bemol, op. 69, n.° 1. Dela podemos escolher um entre dois discos: o Columbia n.° D. 13.103 (lx. 25), de Marcel Ciampi e o Polydor 90.197 (lx. 25), de Brailowski.

E, para terminar, sôbre um fogo de artificio, ouçamos Serge Rachmaninow executar a última das valsas, a ágil e ardente Valsa, op. pós tuma em mi-menor (H.M.V. D.A. 1.189, lx. 25) engastada em um dos discos da Sonata op. 35.

As outras gravações de valsas são de um caráter um pouco "industrial".

Conclui no próximo número com "As obras diversas".

Recebemos e Agradecemos

(Conclusão da pág. 15)

ciação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, ano I, n. 1, Janeiro de 1940, São Paulo.

— Não podemos nos furtar de fazer uma especial referencia a "API SP", orgam da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, pela oportunidade de sua publicação, como porta vóz da numerosa e valorosa classe jornalistica do nosso Estado. Revista fina, repleta de magníficas colaborações, está apta a cumprir a nobre missão que lhe puzeram sobre os hombros. Parabens.

"A. P. I." — Boletim da Associação Paulista de Imprensa, ano I, n.° 3, Janeiro de 1940, São Paulo.

— Reiniciou a sua publicação o boletim A. P. I., da Associação Paulista de Imprensa de São Paulo, veículo de divulgação da nobre entidade. Rico o seu noticiario, publica muitas instruções sobre leis de imprensa e informações aos jornalistas em geral. Aos seus redatores, enviamos cumprimentos.

— Recebemos coleções de programas das suas atividades artisticas, das seguintes sociedades:

"Renacimiento", Buenos Aires; "El Unisono", Buenos Aires; "Centro de Vinculación y extensión artístico", Buenos Aires; "La Quena", Buenos Aires.

"Orquestra Sinfónica Nacional de Lima" — Instituto de Cultura Italo-Peruano — Lima, Perú.

"Noticiario Ricordi", Buenos Aires, n.° 9, ano 3, Setembro de 1939.

"Noticiario Ricordi", Buenos Aires, n.° 11, ano 3, Novembro de 1939.

"Serviço Social", n.° 13, Janeiro de 1940, São Paulo.

— Assinalamos aqui o nosso agradecimento aos redatores de "Serviço Social", pela gentileza da permuta. Outrosim, prevaleceremos da ocasião para enaltecer o valor da publicação que dirigem tão inteligentemente, publicando colaborações especializadas e dados estatisticos oportunos, ao par de um fecundo trabalho de redação.

"Noticiario Ricordi", n.° 1, ano 3, Janeiro de 1940, São Paulo.

"Boletim de Associação Guitarristica Argentina", ano 1, n.° 4, Dezembro de 1939, publicação periodica, Buenos Aires, Argentina.

— Com o recebimento do n.° 4 do "Boletim da Associação Guitarristica Argentina", de Buenos Aires, verificamos o enriquecimento artistico musical da capital portenha, com mais uma util e simpática revista musical. O número que registamos, traz diversos artigos de mérito e clichês ilustrativos. Cumprimentamos os seus redatores pela maneira sábia com que o dirigem.

"O Som de Cristal", ano II, ns. 17, 18 e 19 — Dezembro de 1939, Janeiro e Fevereiro de 1940, São Paulo, orgam da Radio Difusora São Paulo.

"Serviço Social", ano II, n.° 14, Fevereiro 1940, São Paulo.

"Belas Artes", ano V, ns. 55-56, Novembro e Dezembro de 1939, Rio de Janeiro.

"Som", orgam da Sociedade de Cultura Musical do Rio Grande do Norte — Ano V, n.° 3, Fevereiro de 1940 — Natal.

"Correio da Tarde", jornal diario, Araraquara.

"Folha dé Angatuba", jornal, Angatuba.

"Noticiario Ricordi", Fevereiro e Março, ano III, ns. 2 e 3 São Paulo.

"Serviço Social", Fevereiro e Março, ano II, ns. 14-15 — São Paulo.

"Gazeta de Paraopeba", jornal, Paraopeba, Minas Gerais.

Composto e impresso nas Oficinas Graficas do LEGIONARIO — Rua Imaculada Conceição n.° 59 — Fone 5-1536 — SÃO PAULO

Dr. Orlando D. Murgel

A' primeira vista parece-nos extranho uma revista especializada em assuntos musicais, comentar a nomeação de um grande engenheiro para um elevado cargo dentro de suas atribuições profissionais.

Trata-se, porém, de aplaudir um acertadíssimo áto do d.d. Interventor Federal neste Estado, sr. dr. Adhemar de Barros, que nomeou o notável engenheiro sr. dr. Orlando D. Murgel, para exercer, interinamente, as altas funções de Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana.

Profissional competentissimo, possuidor de solida e vasta cultura, o ex-Diretor da E. F. A., sr. dr. Orlando D. Murgel, se destaca pelos seus dotes pessoais de trato fino e lhano que geralmente dispensa ás pessôas de suas relações de amisade e aos seus subordinados.

Apreciador entusiasta da bôa música, frequentador e realizador de concertos, o dr. Orlando D. Murgel foi, expontaneamente, um dos primeiros assinantes de RESENHA MUSICAL.

O meio artistico, social e intelectual de Araraquara, perdeu com a ausencia do sr. dr. Orlando D. Murgel, um dos seus elementos mais representativos e propugnadores do seu progresso.

Ao dr. Orlando D. Murgel, apresentamos os nossos cumprimentos.

Como somos acolhìdos

Continuação dos números anteriores:

De "O Trabalho", jornal de Araraquara, 3-3-940: "RESENHA MUSICAL é para Araraquara alguma cousa de nobre e sublime, digna de orgulho dos araraquarenses, pois que traduz o que o Brasil tem de mais belo e grandioso falando, dos seus compositores e das suas composições."

Da "Revista Musical Peruana", de Janeiro, 1940, ano II, n.º 13, Lima, Perú: "RESENHA MUSICAL, ns. 1 a 13, Araraquara, Brasil. Publicación ágil, llena de interés, dirigida por el Prof. Clovis de Oliveira. — Esta colección nos produce una impresión muy agradable, mezcla de dinamismo y competencia, idealiso y capacidad. — Deseamos al colega larga y próspera vida."

Do sr. José Caldas Junior, de Recife, Pernambuco, 23-1-1940: "Para a minha coleção de revistas nacionais, técnicas e de cultura, venho solicitar de V. Excia. o inestimavel obsequio da remessa de um número especime da revista RESENHA MUSICAL.

Na esperança de enriquecer, em breve, de novo e espressivo valor o meu já precioso conjunto, antecipo sinceros agradecimentos, etc."

Da Profra. Lucia Fanele, Diretora do Instituto Musical "Santa Cecilia",

(Cont. na pág. 25)

Discurso

(Cont. da pág. 4)

um de nós, pôz Deus uma determinada vocação; contrariá-la é procurar tédio em vez de atrativos e sedução, condenação e suplicio, em vez de satisfação e júbilo.

Não basta apenas a vocação, que quer dizer assombro, que quer dizer força. Precisa haver vontade, para haver sucésso.

E o Conservatório Dramático e Musical de Araraquara, está aparelhado pelo esforço e diligência de seu dignissimo Diretor, Sr. João de Arruda Lima, e de seu corpo docente, a determinar com pacientes ensinamentos e observações, a vontade e aptidão de seus discipulos.

Mas, ao Conservatório Dramático e Musical de Araraquara, não satisfaz, apenas, a ação escolar privada. A sua missão nobilitante é vasta, extensa. E, por conseguinte, os seus olhares convergem para a educabilidade artistica do povo. Os seus concertos, suas audições, seus festivais, conferências e saráus de arte, são frutos dessa frutificante visão educacional, são afirmações potentes de educação popular.

Conhecer a utilidade das artes, é um principio da inteligência humana!

Protege-las, aí, Srs., a lacuna, o caos.

O problema vital das artes, em todo o mundo: a **proteção**.

A proteção às artes, desde os tempos da antiguidade classica, partiu do Estado. E, com intermitencias, chegaram até os dias hodiernos, amparadas ou renegadas. Renegadas, sim, porque dentro da humanidade ha cerebros e corações impenetráveis, insensiveis, para os quais a sutil beleza das artes, representa fator secundário no aperfeiçoamento intelectual e moral do homem.

Araraquara, Srs., graças a Deus, é uma realidade artistica em nosso Paiz, porque seus filhos são amantes do belo, cultuam o belo, protegem o belo. A existência do Conservatório Dramático e Musical de Araraquara, superintendido por João de Arruda Lima — essa personalidade dinâmica, vibrante de vontade, iniciativa e perseverança, cujo espírito penetra no sentimento de sua terra natal, acalentando sua alma, adivinha seus anhelos de harmonia, felicidade e progresso, — é uma eloquente e esplêndida afirmação de minhas palavras.

Dos munícipes desta Araraquara, fidalga e progressista, a figura altamente simpática do Sr. Dr. Camilo Gavião de Souza Neves, resalta aos nossos olhos como um dos propugnadores mais sincéros das artes, protegendo-as com atos justos de administração modelar, para que, em futuro, o espírito artistico araraquarense seja orgulho de nossa Pátria, **honrando as artes para a gloria do Brasil!**

★

COMO SOMOS ACOLHIDOS

(Cont. da pag. 24).

de Taquaritinga, 8-1-940: "Apreciei muito o trabalho apresentado naquele exemplar, sua utilidade é tanta na propagação da sublime arte que fiz questão que todas as alunas deste Instituto conhecessem tão proveitoso exemplar.

Embora tarde, cumprimento-o sinceramente grata, fazendo votos que a RESENHA MUSICAL "pequena lira cujas cordas vibram docemente nos corações amantes da arte e do progresso" — se torne cada vez maior e conhecida em todo o Brasil."

Recebemos, ainda, cartas das seguintes pessôas: Profra. Sophia Mello Oliveira, Comendador M.° João Gomes de Araujo, prof. Fructuoso Lima Vianna, pianista sra. Maria dos Anjos de Oliveira Rocha, Editora E. S. Mangione, todos de São Paulo; da Bibliotéca "Calisto Nobrega", João Pessôa, Paraíba; da profra. Yole Rodrigues, Lavras, Minas Gerais.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista de maior divulgação no Brasil.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 12$000.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotográficos e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, É EXPRESSAMENTE PROIBIDO.

RESENHA MUSICAL não mais será enviada às pessôas que não tomarem sua assinatura.

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

A Redação não fornecerá gratuitamente aos assinantes, numeros atrazados, extraviados ou anteriores á data da assinatura.

•

Resenha Músical

publicará no proximo número o artigo **"Albeniz, sua vida e sua obra"**, da autoria do ilustre Prof. Emirto de Lima, de Barranquilla, Colombia.

•

M.tro Francisco Braga em Botucatú

M.º Francisco Braga em visita ao Colegio dos Anjos, em Botucatú

CAFÉ
ZERBINI